

10. A revolta do povo e intervenção de Aarão

(Nm 17, 6-15)

10.1. Organização do texto

A unidade liga-se com a revolta de Coré, Datã e Abiram por meio do motivo da queixa do povo contra Moisés e Aarão (“vós fizestes morrer o povo de YHWH” 17, 6b) e da menção do castigo do grupo de Coré junto com o castigo da congregação (17,14)⁷⁹⁷. O início de uma nova unidade é caracterizado com a mudança de um texto legislativo de instrução, em 17,1-5, para uma narração de outra revolta. A indicação temporal do narrador que a revolta aconteceu no dia seguinte (17,6) é outro sinal claro do início de nova história. A revolta é seguida da aparição da glória de YHWH em vista do julgamento na tenda do encontro (17,7). Aí YHWH revela-se a Moisés e Aarão (17, 9), ordenando que se levanten do meio da congregação revoltada, pois ela pode ser aniquilada no mesmo instante (17,10ab).

O texto segue de forma harmônica com a ordem de Moisés a Aarão para que realize o ritual do incenso no meio da congregação (17,11), seguida da execução por intermédio de Aarão que faz cessar a praga (17,12), e o resultado do rito do incenso (17,13) com a menção da mortandade causada pela praga (17,14). O limite da unidade caracteriza-se com a volta de Aarão até Moisés no mesmo local do início do conflito, a entrada da tenda do encontro (17,15). Também aí, mais uma vez aparece a voz do narrador relatando o resultado do rito da expiação: “a praga havia sido detida”.

⁷⁹⁷ Cf. BOSCI, B. *Numeri*, p. 147, nota 6.

10.2. Elementos estilísticos e narrativos

O novo relato é acrescentado à revolta de Coré, Datã e Abiram, explicitando novo conflito com o envolvimento de toda congregação contra Moisés e Aarão. Esse conflito era latente no decorrer de Nm 16,1-35⁷⁹⁸. O esquema de “rebelião e castigo”⁷⁹⁹ volta a ser utilizado unido à aparição da glória de YHWH em vista do julgamento dos culpados. Desta vez os revoltosos são numerosos (toda congregação), e o castigo também é abrangente, estendendo-se a todo povo.

10.2.1. Retomada do gênero de aparição divina

Temos uma nova história de revolta e castigo dos culpados com o gênero literário de aparição da glória de YHWH que vem julgar. Os elementos essenciais são retomados da revolta de Coré e seus companheiros, seguidos da aparição divina em vista do julgamento dos revoltosos (Nm 16,19a. 19b-22): a) murmuração e revolta (17, 6-7a e 16,19a); b) aparição da glória na tenda (17,7c e 16,19b); c) ordens de YHWH a Moisés em vista do julgamento (17,10ab. e 16,21.24); d) Intervenção de Moisés e Aarão (17,11.12 e 16,22); e) execução das ordens de YHWH (17,12 e 16,25-27a)⁸⁰⁰. O elemento que faz a diferença fundamental em 17,6-15 é a forma da intervenção de Moisés e Aarão. Em 16,22, bastou uma oração de intercessão para salvar a congregação do castigo, enquanto em 17,12, foi necessário o rito da expiação realizado por Aarão para fazer cessar a praga. Na revolta de Coré, Datã e Abiram, Moisés e Aarão haviam intercedido apenas pela congregação inocente (16,22); enquanto na revolta de toda a congregação dos filhos de Israel (17,6-7), a intervenção de Aarão faz cessar a

⁷⁹⁸ O povo que aderiu a Coré (Nm 16,19b) e aqueles que fugiram ao presenciar o castigo dos revoltosos (Nm 16,34) podem ter formado esta revolta, insuflando toda a congregação dos filhos de Israel contra Moisés e Aarão (Nm 17,6-7).

⁷⁹⁹ Forma freqüente no Pentateuco (cf. Ex 14,11-22; 15,23-25; 16,2-15; 17,1-7; Nm 11,1-3).

⁸⁰⁰ Conforme a crítica das fontes, Nm 17,6-15 pode ser um desenvolvimento da camada sacerdotal de Nm 16,19-24 (cf. DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 198). As semelhanças entre os dois textos revelam a origem de uma fonte comum.

praga que estava caindo sobre todo o povo que havia murmurado e se revoltado contra eles (17,13.15b).

A comparação a seguir entre Nm 17,7-10 e 16,19-22 apresenta com mais detalhes os elementos comuns. São “dois momentos de crise formulados na mais estreita correspondência, seguidos da aparição da glória de YHWH”⁸⁰¹:

1- “Enquanto a congregação se reunia contra Moisés e contra Aarão” (17,7a).	“Coré fez reunir contra eles (Moisés e Aarão) toda a congregação” (16,19a).
2- “E apareceu a glória de YHWH” (17,7d).	“E apareceu a glória de YHWH a toda congregação” (16,19b).
3- “Então falou YHWH a Moisés dizendo” (17,9a).	“Então falou YHWH a Moisés e Aarão dizendo” (16,20).
4- “Erguei-vos do meio desta congregação” (17,10a).	“Separai-vos do meio desta congregação” (16,21a).
5- “E eu os aniquilarei no mesmo instante” (17,10b).	“E eu os aniquilarei no mesmo instante” (16, 21b).
6- “Então caíram sobre as suas faces” (17,10c).	“Então caíram sobre as suas faces” (16, 22a).

A narração da revolta crescente com o envolvimento de maior número de pessoas mostra que o julgamento de Deus é também proporcional à extensão da revolta.

10.2.2. Crescimento da revolta e castigo

A análise a seguir mostra que alguns elementos da revolta de Coré, Datã e Abiram, em Nm 16,1-35, são retomados em Nm 17,6-15, em vista de mostrar que a revolta e também o julgamento de YHWH se expandiram atingindo grande parte da população. A narração inicia com o verbo murmurar: “E murmurou toda a

⁸⁰¹ BLUM, E. *Studien Zur Komposition des Pentateuch*, p. 268. O autor coloca em paralelo os dois textos em hebraico, sem maiores comentários das semelhanças e diferenças. Nossa análise mostra que Nm 17,7-10 está articulado com a revolta de Coré, Datã e Abiram, como parte da unidade literária de Nm 16-17.

congregação dos filhos de Israel”(v. 6a). A seguir temos a queixa do povo contra Moisés e contra Aarão: “Vós fizestes morrer o povo de YHWH” (v. 6b).

A acusação tem estilo enfático ao iniciar com o pronome de segunda pessoa masculino plural “vós”. O conteúdo da fala de toda a congregação revela a gravidade da acusação e evoca outras queixas do passado (Nm 14,2; 16,3).

Prosseguindo a narração, o autor retoma o verbo “reunir-se contra” (v. 7a. 16,3a.) em uma frase circunstancial, com o sentido de uma ação repetida no passado: “E enquanto se reunia a congregação contra Moisés e contra Aarão”(v. 7a)⁸⁰². Justamente nesse momento é relatado que a nuvem cobriu a tenda do encontro, e a glória de YHWH apareceu (cf. v.7cd).

Em relação à revolta de Nm 16,3, a narração é mais insistente na ação da revolta, ao repetir que o movimento da congregação foi “contra Moisés e contra Aarão” (17,6a.7a). Também a frase temporal com o infinitivo construído como ação repetida no passado indica a frequência das rebeliões contra as lideranças: “Enquanto se reunia a congregação contra Moisés e contra Aarão”(v.7a). Então a nuvem cobriu a tenda do encontro e apareceu a glória de YHWH (v.7cd). O aparecimento da nuvem que cobriu a tenda do encontro, seguida do aparecimento da glória, é o elemento novo da aparição divina que ocorre imediatamente à formação da revolta⁸⁰³. A sucessão rápida desses fatos revela que o tempo da história também aqui é mais veloz em vista do julgamento que também é veloz. Com efeito, o castigo pode acontecer imediatamente após a separação de Moisés e Aarão (v. 10b).

Outro aspecto em relação à revolta anterior de Coré, Datã, e Abiram é o aumento dos revoltosos. Da revolta dos grupos de Coré, Datã, Abiram e os duzentos e cinquenta (16,1-3), o autor passa rapidamente (no dia seguinte) à revolta de toda congregação contra Moisés e contra Aarão (17,6-7). Os motivos da revolta de Coré, Datã e Abiram eram variados, reunindo grupos com interesses diversos contra Moisés e Aarão (cf.16,1-15). Agora o motivo da queixa da

⁸⁰² A frase circunstancial tem função explanatória (cf. LAMBDIN, T. O. *Introduction to Biblical Hebrew*, p. 164, n. 132). O autor quer lembrar os leitores de que a temática dominante do enredo é o tema da revolta contra Moisés e contra Aarão.

⁸⁰³ Aqui o verbo reunir da raiz קהל (“reunir”) no infinitivo construto precedido da preposição א indica a inclusão de uma ação no tempo de outra. (cf. JOÜON, P. *Grammaire de L’ Hebreu Biblique*, p. 510, n. 1661). A simultaneidade do aparecimento da glória com o início da revolta do povo indica que o julgamento era implacável contra qualquer espécie de rebelião contra as autoridades.

congregação é único, e mais grave: “vós fizestes morrer o povo de YHWH” (17,6b). O castigo que atingira o grupo dos revoltosos Coré, Datã e Abiram e os duzentos e cinquenta líderes (16,31-35) agora atinge toda a população, causando grande mortandade. A intervenção de Moisés e Aarão foi a forma de intercessão em favor da congregação (16,22cd). Esta fora salva do castigo mediante a separação dos revoltosos (16,21-27). No segundo relato apenas Moisés e Aarão recebem ordens de separar-se, pois todo povo revoltado está sujeito ao castigo (17,10ab). Não basta uma intercessão de Moisés e Aarão que antes impedira que toda a congregação fosse castigada; exige-se agora um rito de expiação a ser realizado somente por Aarão (17,11). O texto não afirma que a revolta cessou após a mortandade do povo. Porém relata duas vezes que “a praga se deteve” (v.13b.15b) por meio do ritual da expiação realizado por Aarão.

10.2.3. O discurso de Moisés a Aarão (v. 11)

O discurso de Moisés dirigido a Aarão revela a importância do rito da expiação, que ocupa o centro do v.11. Observemos a estrutura do texto em torno do rito da expiação.

A. Toma o incensório e coloca sobre ele fogo de cima do altar (v. 11bc)

B. Deita incenso (v. 11d)

C. Vai depressa para a congregação (v. 11e)

D. Faz a expiação sobre eles (v. 11f)

C'. Porque saiu a cólera de diante de YHWH (v. 11g)

B'. A praga começou (v. 11h)

A'. Tomou Aarão, conforme dissera Moisés, e correu para o meio da assembléia (v. 12ab)

De fato o rito da expiação está colocado no centro (D): “faz a expiação” (v.11f). As ordens de Moisés a Aarão sobre o oferecimento do incenso estão dispostas em paralelo com os motivos que justificam o rito. Há um paralelismo

explicativo entre a ordem do oferecimento do incenso, e a explicação que são os motivos da ordem apresentados a seguir.

Na primeira moldura (C e C') ao redor da ordem de fazer a expiação, temos a ordem com imperativo “vai depressa para a congregação” (v.11e) em paralelo com o motivo “porque saiu a cólera de diante de YHWH” (v.11g). Igualmente na segunda moldura ao redor do centro (B e B'), a ordem “deita incenso” (v. 11d) encontra seu motivo na afirmação “a praga começou” (v. 11g). A moldura exterior (A e A') revela correspondência entre a ordem de Moisés a Aarão. “Toma o incensório e coloca sobre ele fogo de cima do altar” (v. 11bc) é paralelo com a narração de sua realização (v. 12a), “Tomou Aarão, conforme dissera Moisés” (v. 12a). Neste ponto é feita a passagem da ordem dada por Moisés (v. 11b-h) para a realização do rito por intermédio de Aarão (v. 12a-e). A centralidade do rito da expiação encontra-se também na narração da realização do rito do incenso por Aarão. O v.12bc “e correu para o meio da assembléia, e eis que a praga havia começado no povo” forma uma moldura em contraste com o v.13ab: “Estava entre os mortos e vivos e a praga se deteve”. Entre essas molduras, temos a realização do rito do incenso com a expiação sobre o povo: “colocou o incenso e fez a expiação” (v. 12de). Observamos também o paralelismo na posição de Aarão no meio da assembléia, no v.12b, “correu para o meio da assembléia” com o v. 13a: “Estava entre os mortos e vivos”. É significativo que Aarão esteja no meio da assembléia dos vivos e no limite entre os vivos e mortos. Isso tem relação com a eficácia da fumaça do incenso que vai frear o avanço da morte. A situação de morte, no v. 12c, “e eis que a praga tinha começado” contrasta com a mudança no v. 13b “e a praga se deteve”, justamente porque o rito da expiação fora realizado. Pode-se perceber a eficácia da ação de Aarão, que provoca esta mudança também de forma cruzada. Assim, a ação de Aarão “correu para o meio da assembléia” (v. 12b) resulta no fim da mortandade do povo: “a praga se deteve” (v. 13b). A construção do texto destaca a eficácia do rito da expiação feita por Aarão: “colocou o incenso e fez a expiação” (v. 12de). Assim como em 16,16-18, o rito do incenso destacava o oferecimento do incenso feito pelos duzentos e cinquenta que aparecem no centro; esta unidade destaca o oferecimento do incenso no centro, mas que é feito por um: Aarão. Esse detalhe sinaliza a continuidade de Nm 17,6-15 em relação a Nm 16,16-18.35. O ritual realizado por Aarão surtiu o resultado de deter a praga sobre o povo que se

revoltara, enquanto o ritual realizado pelos duzentos e cinquenta líderes revoltados provocou a sua desgraça (16,35). Assim, o autor esclarece aos leitores qual é o verdadeiro culto eficaz e quem é digno de oferecer o incenso.

10.2.4. O tempo da revolta e do julgamento

A revolta e o julgamento acontecem no espaço de um dia, o dia seguinte ao desfecho da revolta de Coré, Datã e Abiram (16,1-35). Tudo ocorreu de forma mais veloz, ao contrário da revolta anterior que ocorreu em um dia e o julgamento no dia seguinte. O tempo da narração de Nm 17,6-15 ocupa o espaço de dois dias, porque o autor implícito situa-se acima do tempo da história e domina a sucessão dos fatos. Por isso narra a segunda revolta a partir do dia em que terminou o julgamento de Coré, Datã e Abiram, e os duzentos e cinquenta líderes.

O tempo da narração da revolta é breve (17,6-7ab), mas o tempo da história das revoltas pode ser mais longo, porque com frequência o povo murmurava e se reunia contra Moisés e contra Aarão.

O tempo do julgamento, que é o desfecho desta segunda revolta é breve e pode acontecer como aniquilamento total da congregação, no momento em que Moisés e Aarão se separam dos revoltosos (cf.v.10b.16,21)⁸⁰⁴. O julgamento de Deus deve ter começado imediatamente após a aparição da glória, com a sentença: “e eu a aniquilarei no mesmo instante” (v. 10b). Portanto, não houve tempo para Aarão realizar a expiação. Mesmo com toda a pressa, não era possível impedir a mortandade já iniciada no meio do povo. O autor dá a entender de fato que a praga havia começado antes da intervenção de Moisés e Aarão. Moisés, ao dar as ordens a Aarão, tinha conhecimento de que “a praga começou” (v. 11h)⁸⁰⁵.

⁸⁰⁴ Como no primeiro relato da revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16,1-35), o tempo da história com relação ao julgamento é muito breve. O castigo pode ocorrer “no mesmo instante” da separação. O momento é tão breve como o tempo do movimento de um pêndulo.

⁸⁰⁵ Uma narrativa semelhante encontramos em 1Rs 18,41-46. O autor alonga o tempo da narração da vinda da chuva, mas o tempo da história, que é a vinda da bênção da chuva, é brevíssimo. Elias ordena a seu servo para dizer a Acab que prepare o carro para descer antes que a chuva o detenha (18,44). No entanto, o narrador relata que “num instante” o céu se escureceu e caiu forte chuva (18,45). Nesse entretanto, Acab talvez ainda não havia recebido o recado de Elias. Mesmo que tivesse recebido, por mais depressa que andasse seu carro, não chegaria antes da tempestade. Quem saiu na frente de Acab e chegou antes em Jezrael foi Elias (18,46). Em nossa interpretação, este fato vem indicar, como em Nm 17,11-12, que a providência de Deus e a realização dos seus desígnios não depende de previsões humanas.

Na narração da realização do rito do incenso (v. 12), o autor lembra aos leitores, em uma frase circunstancial, mais uma vez, que a praga havia começado entre o povo. Na frase conclusiva, o verbo no perfeito **וַהֲנֵה הַחֵל** (“e eis que começou”) aqui refere o início do castigo como ação anterior ao oferecimento do incenso⁸⁰⁶. Isso faz sentido porque a ação da revolta, em 17,7a, é indicada com o infinitivo construído com o sentido de ação repetida no passado **וַיְהִי בְהַקְהֵל הָעֵדָה** (“e enquanto a congregação se reunia”). Fazia mais tempo que a revolta acontecia. Aqui essa revolta pode ser considerada como consequência da primeira, em 16,3a. A congregação continuou se reunindo contra Moisés e contra Aarão. A ação de reunir-se contra (v. 7a) é temporalmente anterior à ação de murmurar contra. A ação de murmurar é colocada no início (v. 6a) também em função da importância da acusação grave “vós fizestes morrer o povo de YHWH”(v. 6b). A ação de reunir-se sem indicação precisa do tempo do início combina com a ação da praga, também sem indicação precisa do tempo do seu início. A construção do texto mostra que o surgimento da praga contra o povo pode ser paralelo ao surgimento da revolta.

Ao mesmo tempo da revolta, o autor relata que a nuvem cobriu a tenda do encontro, e apareceu a glória de YHWH (v.7cd) com sua função judiciária. O aparecimento da glória e da nuvem é um fato anterior às instruções de Moisés a Aarão para fazer o ritual da expiação (v. 11b). Por isso a praga começara há mais tempo, pois é consequência lógica de uma situação de revolta no meio do povo. Sendo assim, por maior que fosse a pressa de fazer o rito da expiação, Aarão não conseguiria impedir o início da praga. Diferente do conflito com Coré, Datã e Abiram, no qual, a intercessão de Moisés e Aarão conseguiu impedir a aniquilação da congregação (16,22). O estilo da narração indica, portanto, que o tempo do julgamento é brevíssimo em relação ao tempo da intervenção de Aarão, que chega atrasado (v. 12bc).

Essas indicações temporais mostram que o objetivo é realçar o castigo de YHWH e a atuação eficaz do rito expiatório de Aarão. Se o tempo da narração do castigo e a intervenção de Aarão (17,8-13) é mais longo que o tempo da narração

⁸⁰⁶A frase circunstancial “eis que a praga havia começado” mantém o leitor informado de que o castigo de Deus é implacável. Esse início da praga já fora afirmado em Nm 17,11. Sobre as frases circunstanciais, temos uma exposição breve e muito clara in: LAMBDIN, T. O. *Introduction to Biblical Hebrew*, p. 164, n. 132c.

da revolta (17,6-7), é sinal do interesse do autor em defender o ministério de Aarão em favor do povo⁸⁰⁷.

10.2.5. O espaço e movimento de Moisés e Aarão

Alguns aspectos do espaço ocupado por Moisés e Aarão chamam a atenção para a compreensão de sua postura e missão em favor da congregação. Moisés e Aarão chegam “até a entrada da tenda do encontro” (v. 8a) e, nesse espaço, recebem instrução de YHWH (v. 10ab). Portanto, estão nesse momento perto de YHWH, e também misturados à congregação dos malvados. A seguir temos a ordem de YHWH para separar Moisés e Aarão da congregação a fim de salvá-los do castigo. O discurso de Moisés começa com o envio de Aarão até a congregação afastada da tenda do encontro: “vai depressa” e faz a expiação (v.11ef). Aarão vai para o meio da congregação fazer o rito da expiação. A chegada de Aarão, no entanto, é atrasada, pois a praga já havia começado e somente é detida porque Aarão foi para o meio da assembléia. Outro detalhe significativo: a expiação é feita sobre o povo, embora Aarão vá correndo e se coloque no meio do povo. Esses elementos são indicações de que a santificação depende somente de Aarão e seu ritual do incenso. Aarão está mais ligado ao altar, que também parece separado do povo. Do altar, ele retira o fogo para a queima do incenso. Sua presença no meio do povo é limitada ao tempo de realizar o ritual da expiação. Em seguida, ele volta novamente para a entrada da tenda do encontro com Moisés. Esses elementos do texto confirmam uma instituição separada do povo e acima dele. Isso concede maior fundamento à acusação dos revoltosos contra Moisés e Aarão, em 16,3f: “por que vos elevais sobre a assembléia de YHWH?”⁸⁰⁸.

⁸⁰⁷ Como a narração da revolta de Coré, Datã e Abiram foi breve (cf. 16,1-3), também esta revolta do povo é narrada brevemente (17,6-7). O tempo da narração do julgamento, no entanto, é mais longo, em vista de destacar o papel de Aarão.

⁸⁰⁸ Com nossa análise narrativa, a revolta e acusação em Nm 16,3 ganha mais força e razão de ser, na sua relação com Nm 17,6-7. Diferente é a posição da maioria dos comentaristas clássicos (G. B. Gray, P. J. Budd, J. De Vaulx) que vêem somente uma tênue relação entre a revolta em Nm 16,3 e a revolta em Nm 17,6-7, somente enquanto relatos provenientes da tradição Sacerdotal.

10.3. Interpretação

10.3.1. Murmuração e revolta do povo (v. 6-7a)

Nova revolta e murmurações ocorrem no dia seguinte ao desfecho da revolta dos líderes. Dessa vez “toda congregação dos filhos de Israel”, todos murmuraram contra Moisés e contra Aarão. Moisés havia questionado a congregação de Coré por que motivo murmurava contra Aarão (Nm 16,11). Eram um grupo de levitas que reclamavam seus direitos, e alguns até mesmo o poder sacerdotal (16,10).

Em 17,6a, com o verbo **וַיִּלְלוּ** (“murmuraram”), o texto retoma os temas e expressões comuns aos relatos de murmuração e revolta no deserto (Ex 16,10; Nm 14,10-13)⁸⁰⁹. O sujeito do verbo é “toda a congregação dos filhos de Israel” que levanta a voz, o que revela uma crise acentuada nas relações de Moisés e Aarão com a congregação.

Percebe-se uma relação de causalidade que liga o castigo dos rebeldes (Nm 16,24-35) com essa revolta de toda congregação (Nm 17,6-7), por meio da queixa: “vós fizestes morrer o povo de YHWH”. A relação com a revolta anterior é também reforçada com a partícula temporal **מִמָּחָרָתָא** (“no dia seguinte”), que informa a proximidade cronológica dos fatos⁸¹⁰. Portanto, o conteúdo da queixa e da revolta é consequência da desgraça que caíra sobre o povo. A queixa inicial (v. 6a) é formulada com o pronome enfático “vós” e o verbo no perfeito hifil **הִמַּתְתֶּם** (“fizestes morrer” cf. Gn 18,25; Ex 16,3; 2Sm 20,19), que reforçam a acusação contra Moisés e Aarão⁸¹¹. “Vós fizestes morrer o povo de YHWH”. Segundo G. B. Gray⁸¹², com esta grave queixa, Moisés e Aarão “são acusados de ter invocado a intervenção destrutiva de YHWH contra o povo”. Eles tornaram-se responsáveis pela mortandade do povo. A queixa de toda a congregação indica que não apenas alguns líderes foram punidos no julgamento anterior. Outras pessoas são incluídas

⁸⁰⁹ Cf. DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 198.

⁸¹⁰ Cf. ARTUS, O. *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 198.

⁸¹¹ GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 212; LEVINE, A. B. *Numbers 1-20*, p. 420.

⁸¹² *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 212.

neste grupo que compreende “todos os homens de Coré”(v. 32)⁸¹³. São incluídas também pessoas do grupo de Datã e Abiram, não diretamente responsáveis pela revolta, “suas mulheres, seus filhos, suas crianças” (16, 27). Todos esses também foram engolidos pela terra. O fato gerou medo e fuga (16, 34). Os fugitivos, distanciados de Moisés, empreenderam nova revolta, solidários que foram com o grupo dos desaparecidos (17,6-7). Além do verbo “murmurar” contra Moisés e contra Aarão (v. 6a), o autor lembra aos leitores que o movimento desde o início (16,1-3) é fruto de uma revolta organizada um tanto comum, como parece indicar a frase circunstancial: “Enquanto reuniam-se contra” (v. 7a. 16,3a). O motivo está ligado às revoltas anteriores, pois a queixa “vós fizestes morrer o povo de YHWH”, de forma muito semelhante, fora levantada por Datã e Abiram: “Nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel para nos fazer morrer no deserto”(16,13)? As queixas expressam a frustração do projeto do Êxodo sob a direção de Moisés, que não conseguira conduzi-los à terra prometida. Nesta nova revolta, a queixa de toda congregação responsabiliza Moisés e Aarão pela mortandade do povo (17,6b). Por isso a congregação dos filhos de Israel reuniu-se contra Moisés e contra Aarão, e não foi solidária com eles. O início do levante do povo, logo no dia seguinte, mostra que a repressão pela força não cala as murmurações e não impede a revolta, mas dá origem a outras. O fato de “o terror e castigo não terem conseguido mudar o comportamento da congregação de Israel”⁸¹⁴ indica a gravidade da crise. Outros textos mostram que “as murmurações do povo se expandem e se avolumam conforme a gravidade da situação” (cf. Ex 15,24; Ex 16,2.7; Nm 14,2). De fato a revolta havia se espalhado no meio do povo (cf. 16,19a), e o castigo final (16,31-35) não surtira o efeito desejado pelos líderes que era manter-se no poder pacificamente sem revoltas. Aqueles que fugiram ao presenciar o castigo dos revoltosos (16,34) deixaram Moisés sozinho e, num breve tempo (dia seguinte), juntaram-se para uma revolta mais organizada.

⁸¹³ Neste aspecto, a presente interpretação difere de muitos autores que afirmam somente o castigo dos revoltosos e não do povo (cf. NOTH, M. *Numbers*, p. 130). A acusação de que Moisés e Aarão fizeram morrer o povo de YHWH (17,6) seria um exagero por parte dos acusadores (Sturdy), ou a idéia a ser transmitida nessa acusação seria: causando a morte dos líderes representantes do povo, Moisés e Aarão teriam matado o próprio povo (cf. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 212; DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 179). Essas hipóteses não possuem suficiente consistência no texto para atenuar a acusação do povo contra Moisés e Aarão em Nm 17,6, pois junto com os líderes, também pessoas inocentes pereceram (cf. 16,32-34).

⁸¹⁴ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 326.

10.3.2. O aparecimento da nuvem e a glória de YHWH (v. 7b.d)

Em consequência da expansão rápida da revolta, também o julgamento de Deus foi veloz, e se expandiu provocando grande mortandade. O sinal da presença de Deus como juiz é a glória acompanhada pela nuvem, expressão simbólica da vinda de Deus envolto em seu mistério (cf. Nm 10,11-12)⁸¹⁵. Das cem vezes que ענן (“nuvem”) se encontra no Antigo Testamento, cerca de setenta vezes aparece ligada às aparições e intervenções de YHWH com sua glória⁸¹⁶. De fato, כבוד (“glória”) é a palavra que se encontra com a nuvem nos textos sacerdotais (Ex 16,10; 24,15-18; 40,34-38; Nm 9,15-23; 10,11-12,34). Há também os textos que relatam somente a aparição da glória, mas se subentende também a presença da nuvem (Nm 14,10; 16,19; Lv 9,6.23)⁸¹⁷.

“A nuvem indica a transcendência e a imanência de Deus. Ao cobrir a tenda, também oculta aquele que a enche com sua glória aí presente”⁸¹⁸. Por isso, em Nm 17,7, a presença da nuvem que cobre a tenda do encontro é paralela ao aparecimento da glória de YHWH (cf. Ex 24,10; 40,34-38; Nm 10,11-12). Deus surge no céu, “na nuvem”, que desce diante da porta da “tenda do encontro”, local em que se revela a glória de Deus, que também se comunica com o povo (cf. Ex 29,43; 33,7)⁸¹⁹.

A aparição divina em nosso texto (17,7a.) dá-se no momento em que o povo se reúne contra Moisés e Aarão. Por isso o aparecimento da glória de YHWH no contexto de conflito mantém sua função judiciária no enredo, em vista de aniquilar os revoltosos e assegurar o culto representado na tenda do encontro (17,8) e no altar (17,11c). YHWH com toda sua glória aparece como juiz e age a partir da tenda do encontro para trazer a solução dos conflitos (Nm 14,10; 16,19; 20,6)⁸²⁰. Nesse sentido a nuvem que cobre a tenda do encontro junto à glória de YHWH (Nm 17,7) é, sobretudo, um lugar revelador (Ex 25,22; Nm 7,89) com uma função oracular.

⁸¹⁵ Cf. AUZOU, G. *Dalla servitù al servizio*, p. 187.

⁸¹⁶ Cf. AUZOU, G. *Dalla servitù al servizio*, p. 185.

⁸¹⁷ Cf. LUZÁRRAGA, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 15-41.

⁸¹⁸ LUZÁRRAGA, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 151.

⁸¹⁹ Cf. VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 1, p. 235.

⁸²⁰ Cf. CRÜSEMAN, F. A Torá, p. 494; VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 1, p. 234-235.

Da nuvem sai a sentença do julgamento dos revoltosos: “Eu os aniquilarei no mesmo instante”(17,10b)⁸²¹. O castigo sobre o povo vem proclamado (16,21; 17,10b) em decorrência das murmurações e revoltas. Outra função da nuvem é proteger a tenda do encontro⁸²², diante da qual Moisés veio com Aarão (17,8). A presença de ambos diante da tenda é paralela à outra narração cúltica, em Nm 16,18-19 na qual o povo foi convocado “para a entrada da tenda do encontro” com Moisés e Aarão. Esses textos recordam outras situações em que a nuvem baixava junto da tenda (Ex 33,9-10; Nm 12,5; Dt 31,15). Aqui, a nuvem sobre a tenda tem função protetora, especialmente de Moisés e Aarão ameaçados pela revolta de toda a congregação que investiu contra eles (17, 7b). O povo virou-se para a tenda do encontro (17,7b) como gesto de revolta contra seus líderes⁸²³. Daí a função da nuvem que, além de cobrir a tenda e ocultar a glória, protege Moisés e Aarão, legítimos líderes do povo. Esse aparecimento da nuvem sobre a tenda do encontro também para proteger Moisés e Aarão indica a gravidade do conflito.

De fato, a revolta do povo (Nm 17,6-7) revelou-se mais violenta, pelo teor da queixa “vós fizestes morrer o povo de YHWH” e pela necessidade da presença da nuvem protetora da tenda, impedindo uma possível investida dos revoltosos. Moisés e Aarão recebem proteção e instrução, da parte de YHWH, para se afastarem do meio da congregação dos revoltosos. Através da nuvem protetora cobrindo a tenda com Moisés e Aarão, o culto e o sacerdócio recebem também legitimação divina. A potência santificadora da nuvem sobre a habitação a torna extensão do templo como morada de YHWH. A cobertura da nuvem sobre a tenda do encontro recorda a teologia sinaítica de Ex 24,16: “A glória de YHWH pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. A tenda é santificada pela nuvem tornando-se templo modelo, como o Sinai⁸²⁴. Assim também o culto e o sacerdócio são santificados e recebem sustentação teológica.

⁸²¹ Cf. LUZÁRRAGA, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 178-179.

⁸²² Cf. LUZÁRRAGA, J. *Las tradiciones de la Nube en la Biblia*, p. 81 e 180.

⁸²³ Trata-se, pois de um “voltar-se” qualificado. Este sentido parece ser dado pela versão da Setenta que traduz o v. 7b καὶ ὤρμησαν ἐπὶ τὴν σκηπὴν τοῦ μαρτυρίου (“e moveram-se contra a tenda do testemunho”) indicando a possível investida do povo contra, pois a preposição ἐπὶ seguida de acusativo significa “contra”. A Vulgata coloca os chefes do povo como sujeitos do verbo voltar-se, ao traduzir: “Moisés et Aaron fugerunt ad tabernaculum foederis”. Em nossa interpretação, a congregação é o sujeito de וָפָנָה (“viraram-se”).

⁸²⁴ A construção do santuário deveria inspirar-se no modelo mostrado sobre a montanha do Sinai (cf. Ex 25,9.40; 26,30; 27,8; 8,4). Por isso, o autor via no templo o modelo do Sinai, como lugar da presença e revelação de YHWH.

Somente o sacerdócio eleito pode aproximar-se e ministrar de forma eficaz em favor da congregação.

O aparecimento da glória é seguido da ameaça de destruição de toda congregação: “erguei-vos do meio desta congregação, e eu os aniquilarei como um momento” (v. 10). Moisés e Aarão entraram diante da tenda do encontro (v. 8), e YHWH ordena-lhes que se separem da congregação rebelde. A finalidade da separação é colocar Moisés e Aarão a salvo e castigar a congregação revoltada. O julgamento só acontece mediante a separação dos justos e isolamento dos culpados. O esquema da aparição é o mesmo já estudado em Nm 16,19b-24, com pequenas variações⁸²⁵. Moisés e Aarão reagem e, pela terceira vez, caem sobre suas faces (Nm 16,4.22)⁸²⁶. O texto não diz quanto tempo Moisés e Aarão ficaram prostrados, nem indica explicitamente que estivessem em oração⁸²⁷. Também esse gesto preconiza um ato de juízo divino (cf. Nm 16,4.22; 17,10; 20,6)⁸²⁸. Após a prostração, é Moisés quem vai instruir Aarão a fazer o rito da expiação e assim deter a praga que já havia começado (v. 11). Moisés sabe que a praga começou e informa Aarão. Este é um indício de que ele, ao vir na presença da tenda do encontro (v. 8), teria recebido uma revelação especial destinada a Aarão⁸²⁹. De fato YHWH falou somente a Moisés⁸³⁰. Se Moisés e Aarão, apenas eles, vieram para diante da tenda do encontro (v. 8), isto é sinal de que Deus guia o seu povo, mas intervém nas revoltas em favor do seu profeta Moisés e do seu sacerdote Aarão⁸³¹. A congregação enfrenta conflitos de autoridade contra seus líderes. São eles constituídos para dirigir a congregação, como assembléia cultural organizada no serviço a YHWH. Os líderes têm funções específicas, encargos que são de direito divino, o que desautoriza qualquer tentativa de revolta contra a ordem

⁸²⁵ Sobre o sentido e objetivo do julgamento, cf. capítulo 7, p. 232-235 e capítulo 8, p. 242-249.

⁸²⁶ Cf. Capítulo III, nosso comentário sobre Nm 16,4.

⁸²⁷ Os comentários interpretam o gesto como atitude de oração. Assim, para J. DE VAULX (*Le Livre des Nombres*, p. 199), “Moisés permanece em oração com a face sobre a terra, enquanto Aarão vai fazer o rito da expiação sobre o povo”. O texto não indica que Moisés permaneceu prostrado durante todo o tempo em que Aarão realizou o rito da expiação.

⁸²⁸ Cf. WENHAM, J. *Números*, p. 127.

⁸²⁹ O autor nada relata se Moisés, acompanhado de Aarão, recebera alguma instrução especial de YHWH. Após a prostração de Moisés e Aarão, o autor também nada informa se houve intercessão pelo povo. O relato sacerdotal é sóbrio, atendo-se ao essencial, que é a aparição da glória em vista do julgamento dos revoltosos.

⁸³⁰ A Setenta harmoniza o texto incluindo Aarão: καὶ ἐλάλησεν κύριος πρὸς Μωυσῆν καὶ Ααρων λέγων (“E falou o Senhor a Moisés e a Aarão dizendo” v. 9). Nossa interpretação mostra que essas harmonizações são desnecessárias (cf. 16,4), pois o autor de Números ora menciona Moisés, ora Moisés e Aarão, alternando assim os personagens.

⁸³¹ Cf. ASENSIO, F. *Il Pentateuco: Origine dell’uomo e Primi Passi del popolo di Dio*, p. 429.

estabelecida. A condição dos líderes e sua função estão, no entanto acima da assembléia. Essa depende totalmente do ministério deles, e não tem participação efetiva como povo santo de Deus. Essas diferenças entre os líderes e a congregação, relegada a uma escala inferior na santidade, também foram forte motivo de murmurações e revoltas (cf. 16,3f).

10.3.3. A ordem de Moisés a Aarão (v. 11)

Após a prostração com a face por terra (v.10), Aarão recebe instrução de Moisés: “disse Moisés a Aarão” (v.11). Esse verso é o “turning point” dessa segunda história - colocada como continuidade da primeira -, que marca o fim da ação do conflito e início da resolução por meio do julgamento dos revoltosos⁸³². A ordem é realizar mais uma vez o rito do incenso. A formulação segue os moldes das ordens anteriores (cf. Nm 16,6-7.17), com verbos no imperativo: “toma o incensório”, “coloca sobre eles fogo de cima do altar”, “deita incenso” e “vai depressa para a congregação” e “faz a expiação sobre eles”. Chama a atenção tanto o fato de a expiação ser realizada somente por Aarão quanto a urgência de realizar o rito “vai depressa” (17,11e). Se o incenso oferecido pelo grupo de Coré provocara a ira de YHWH porque não eram autorizados para isso (16,17-18.35), essa unidade mostra que somente o oferecimento realizado por Aarão consegue aplacar a ira de YHWH e deter a praga sobre o povo⁸³³. Ninguém poderá competir com ele no exercício do poder religioso, pois o rito revela uma eficácia comprovada ao deter o avanço da praga.

A menção do fogo tirado de cima do altar sinaliza um desenvolvimento das instituições do sacerdócio então centralizado em um lugar de culto (Nm 17,11c; Lv 16,12)⁸³⁴. Assim, a idéia quase pertinente de uma democracia de base, do serviço sacerdotal descentralizado, envolvendo toda a congregação (16,3), com um sacrifício válido em favor dos povos é suplantada pela separação entre clero e

⁸³²Cf. ASHLEY, T. R. *The book of Numbers*, p. 327; SKA, J. L. *Our Fathers Have Told Us*, p. 27.

⁸³³ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 146; DE VAULX, J. *Le Livre des Nombres*, p. 199.

⁸³⁴ Como o altar é um elemento tardio, pois o ritual do incenso era realizado primitivamente sem ele, o relato seria então um midrax pós-exílico projetado no período do deserto. Aarão, irmão de Moisés seria a figura do sumo-sacerdote pós-exílico, e a tenda do encontro, como lugar da experiência imediata de Deus no deserto, transforma-se sob as mãos do revisor sacerdotal, no Templo de Jerusalém inaugurado em 515 a.C.

laicato. “A utopia teocrática do sacerdotal evoluiu para uma constituição hierocrática de direito divino”⁸³⁵. Por intermédio do ministério sacerdotal, fluem de Deus as forças vivificantes. Para isso o sacerdote é escolhido pessoalmente com o intuito de trazer cura e salvação de Deus ao povo⁸³⁶.

10.3.4. A expiação sobre o povo (v. 12)

A expiação normalmente era feita por meio do rito do sangue de animais (Lv 16), mas o incenso também podia servir para expiar os pecados do povo. O ato de incensar tem função expiatória e especialmente efeito apotropaico de aplacar a ira divina⁸³⁷. Só pode ser oferecido por alguém da descendência de Aarão (17,5). Isso reafirma a legitimidade do sacerdócio aronita⁸³⁸. A organização do discurso de Moisés mostrou a centralidade do rito da expiação por meio do incenso (17,11). O motivo do oferecimento do incenso é teológico para mostrar a origem divina do sacerdócio de Aarão. Somente YHWH, senhor da vida e da morte, poderia cancelar a desgraça mortal. A intercessão não é feita diretamente a Deus pela prece, mas mediante o rito de expiação “sobre” o povo⁸³⁹, o que destaca a autoridade divina de Aarão com privilégios sacerdotais sobre a congregação. A congregação não tem como se queixar da autoridade de Moisés e Aarão em posição superior, acima da assembléia (cf. Nm 16,3), pois necessita da expiação para apagar os efeitos do pecado. No momento o povo deve calar-se, porque somente a mediação de Aarão com um oferecimento de incenso poderá deter a praga e aplacar a cólera de YHWH.

De fato a oração deles como intercessão, desta vez não bastou para impedir os efeitos da desgraça. Foi necessário o rito do incenso cujo cheiro suave, ao ser inspirado⁸⁴⁰, aplacou a ira divina. O instrumento para a oferta do incenso

⁸³⁵ Cf. ZENGER, E. Os livros da Torá / do Pentateuco. In: _____. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*, 2. ed. p. 131.

⁸³⁶ Cf. MAINELLI, H. K. *Numeri*, p. 106.

⁸³⁷ Cf. NOTH, M. *Numbers*, p. 130; LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 420.

⁸³⁸ Cf. DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 199.

⁸³⁹ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 324.

⁸⁴⁰ O nariz é a sede da cólera divina. O incenso oferecido por Aarão agrada a YHWH e acalma a ira (cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 267).

será o incensório sagrado (Lv 16,12) apropriado para as celebrações⁸⁴¹. Assim, o ministério sacerdotal ligado a um grupo com autoridade divina, e a um lugar de culto, passa a ser determinante para a vida da congregação.

A instituição do poder sacerdotal aronita, porém, privou a congregação do seu poder como povo sacerdotal e nação santa (cf. Ex 19,6), pois a congregação passou a depender totalmente de Aarão para livrar-se do flagelo. Foi Aarão quem recebeu ordens de Moisés de fazer a expiação, e nenhuma outra mediação poderia deter o flagelo (cf. 17,5). Com efeito, a praga pode levar todo povo ao extermínio sob iniciativa de YHWH (cf. Ex 12,13; 30,12; Nm 8,19; 17,11-12; Js 22,17)⁸⁴². A cólera de YHWH parece ser uma força mecânica possível de ser freada mediante um rito apropriado, o oferecimento do incenso. O autor mostra que a expiação com incenso é necessária e urgente, porque o mal havia se espalhado de forma rápida, bem antes da intervenção de Moisés e de Aarão. Será, no entanto, Aarão quem recebe a missão de fazer o rito do incenso, que é o rito da expiação. Este é interpretado como intercessão em favor da congregação⁸⁴³ e um tipo de purificação para fazer cessar a expansão da praga.

Em hebraico, temos o termo כָּפַר (forma piel) que designa o verbo “expiar”. A maioria dos autores aceita que o significado da raiz כִּפַּר tem uma relação com o árabe que utiliza a mesma raiz com o significado de “cobrir”. A raiz árabe para “cobrir” é empregada em hebraico com o sentido de “expiar” (cf. Gn 8,21; Ex 29,25; 1Sm 26,19)⁸⁴⁴. Segundo essa concepção, o rito da expiação é feito para cobrir os pecados, apagar.

O termo encontra-se no livro do Levítico no contexto da purificação (Lv 14) e no contexto das disposições legislativas do dia das expiações (Lv 16). Aí o ritual da expiação fora instituído e legitimado como o rito do perdão. YHWH aparece na nuvem sobre o propiciatório (Lv 16,2), e Aarão oferecerá o novilho do sacrifício (16,11), fará a expiação (16,11) com o ritual do incenso cuja fumaça

⁸⁴¹ Neste caso, o incensório não parece ser propriedade particular de Aarão. Trata-se do incensório que estava a serviço do sumo-sacerdote no dia das expiações (Lv 16,12; cf. SALES, M. *Numeri-Deuteronômio*, p. 60).

⁸⁴² Cf. ARTUS, O. *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 199.

⁸⁴³ Origines, na Homilia n. 9 sobre o livro dos Números, recorda as disposições interiores do povo necessárias para a expiação que é o arrependimento sincero e a intenção de não voltar a pecar.

⁸⁴⁴ Cf. MAASS, F. כָּפַר (“expiar”). In: GENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento I*, col. 1153.

recobrirá o propiciatório e protegerá os presentes do contágio fatal da Glória de YHWH (16,13).

Fazer a expiação é a palavra costumeira especialmente para descrever o efeito dos sacrifícios (Lv 1,4; 4,20; 5,16). O animal oferecido em sacrifício foi interpretado como resgate no lugar da própria pessoa (Ex 30,12). Era o animal que normalmente morria em lugar do homem culpado. Às vezes mesmo alguns pecadores morriam em lugar de todos os outros para afastar o mal contra o povo (Nm 25,8-9). Nesse caso não era necessário o sacrifício de animais⁸⁴⁵. Nos sacrifícios de expiação, papel primordial tinha o rito do sangue (Lv 1,4-5; 4,1; 4,12-13; 17,11), como sede do princípio vital (Gn 9,4; Dt 12,16. 23; Sl 30,10), possuía forte poder expiatório (Lv. 17,11) e papel em primeiro plano no ritual dos sacrifícios e nas Alianças (Ex 24,8). Em Nm 8,12.19.21, a expiação constitui o rito da absolvição realizado por Aarão sobre os levitas para evitar a praga sobre Israel⁸⁴⁶. O verbo כָּפַר (“expiar”) no piel⁸⁴⁷ tem um sentido resultativo, sempre em relação com o efeito que segue. Na tradição sacerdotal, o verbo é construído 53 vezes com a preposição עַל (“sobre”). O sujeito em geral é o Sacerdote que faz a expiação. A frase usual - “o Sacerdote fará o rito de expiação sobre ele” - seguida do efeito - “e será perdoado” -, ocorre ao menos doze vezes no Levítico com o verbo expiar (Lv. 4,26.31.35; 5,6.10.13.18.26; 14,18.20; 15,15; 19,22). Há ocasiões em que o próprio Deus é o sujeito do verbo expiar (cf. Dt 21,8; Ez 16,63; Sl 78,38). O primeiro efeito do rito é cobrir os pecados, apagar (Is 6,7; Sl 65,6; Ne 4,5; Jó 31,33)⁸⁴⁸. Nosso texto (Nm 17,11-12) mostra que o sujeito é Aarão, que deve realizar as ordens de Moisés. A preposição עַל com sufixo pronominal de terceira masculino plural עֲלֵיהֶם (“sobre eles”) aponta para o grupo de pessoas que devem ser beneficiados com a expiação, antes que sejam atingidas pela praga⁸⁴⁹.

⁸⁴⁵ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 196.

⁸⁴⁶ Cf. ARTUS, O. *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 199-200. O autor observa a semelhança de vocabulário entre Nm 17,6-15 e Nm 8,5-22. O termo cólera encontra-se apenas em Nm 1,53; 18,5. Nestes textos, levitas e sacerdotes estão a serviço do santuário para impedir a cólera de YHWH contra a congregação (p. 199).

⁸⁴⁷ Das 101 vezes que כָּפַר (“expiar”) ocorre na bíblia hebraica, como verbo, 92 vezes aparece no piel, 7 vezes no pual, uma vez no hithpaél, uma vez apenas na conjugação qal (Gn 6,14). Na forma piel, significa “cobrir”, “expiar”, “indenizar” (cf. MAASS, F. כָּפַר (“expiar”). In: GENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento* I, col. 1155; GALLAZZI, A. *A Teocracia Sadocita*, p. 201-203).

⁸⁴⁸ Cf. BUDD, P. J. *Numbers*, p. 196.

⁸⁴⁹ Cf. MAASS, F. כָּפַר (“expiar”). In: GENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento* I, col. 1156.

O motivo do ritual é explicado no paralelismo entre a cólera e o surgimento da praga: “Porque saiu a cólera de diante de YHWH”(v.11g) e “a praga começou” (v.11h)⁸⁵⁰.

O texto mostrou que os líderes e a congregação dos revoltosos recebem um juízo moral como “homens malvados” (16,26) “porque desprezaram o Senhor” (16,30). Por isso os revoltosos estão sujeitos à cólera de YHWH, e sua revolta contra Moisés e Aarão por causa de suas ações malvadas é considerada revolta contra YHWH. A congregação dos seguidores de Moisés afastou-se da tenda dos homens malvados para não perecer nos pecados deles (16,26). Também nessa história Moisés e Aarão receberam ordens de afastar-se da congregação (Nm 17,10) porque ela havia se reunido contra eles (17,7). Isso justifica a expiação de Aarão com a fórmula “faze a expiação sobre eles”(v. 11f). Esta é uma das formas comuns de leis sobre o sacrifício pelo pecado, como se encontra em Lv 4,1-5,13⁸⁵¹.

A atividade sacerdotal deve expiar a falta do povo contra Moisés e Aarão, porque a congregação dos filhos de Israel se revoltou contra os eleitos de YHWH. Sua revolta tornou-se ofensa ao próprio Deus. Por isso a expiação deve aquietar a cólera de YHWH e deter a praga. O poder e solução dos conflitos na congregação acabaram totalmente nas mãos de Aarão. O poder não mais é socializado, mas centralizado em vista de manter o controle sobre o povo. Aarão realizou tudo conforme as palavras de Moisés (v.12). O rito da expiação devia ser realizado “sobre eles” (v. 11), referindo-se ao povo sobre o qual caíra a praga (v. 12). De fato Aarão realizou a expiação “sobre o povo”(v. 12), que é a congregação destituída de poder cultural. Um grupo havia argumentado que todos são santos (16,3) e próximos de YHWH, tal reivindicação, no entanto, foi um grito isolado e logo silenciado com a resposta do grupo no poder (cf. 16,5-7. 8-11) e o castigo de Deus (16,31-35). A presença de Aarão em pé no meio da assembléia entre vivos e

⁸⁵⁰ Sobre a praga cf. Ex 12,13; Nm 14,37; 25,8-9.

⁸⁵¹ A forma comum de leis sobre o sacrifício pelo pecado é esta: “o sacerdote faça a expiação sobre ele” (perfeito com waw consecutivo mais a preposição על). Sobre o sacrifício pelo pecado cf. Lv 4,1-5,13 (cf. MAASS, F. כָּפַר (“expiar”). In: GENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento* I. col. 1153).

R. RENDTORFF, (*Studien zur Geschichte des Opfers im Alten Israel* (1967), p. 30, citado in: GENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, vol. 1, col. 1155), considera que a expressão: “o sacerdote fará a expiação sobre ele” (Lv 4,26.31.35; 5,6.10.13.18.26; 14,18.20; 15,15; 19,22), 12 vezes seguida da expressão “e será perdoado”, constitui a forma fundamental dos ritos de pecado e expiação.

mortos indica sua ação mediadora em favor dos vivos. É no meio da assembléia vitimada com a praga, que o rito da expiação revela sua eficácia. Porém a expiação foi realizada “sobre” e não “junto com o povo”, que é também povo sacerdotal. Aarão coloca-se no limite entre os mortos e os vivos (v. 13a), para impedir que a mortandade avance. A fumaça do incenso que, no dia das expiações, protege o sacerdote do contágio mortal com a glória (cf. Lv 16,13), aqui serve para proteger a congregação impedindo que a praga avance e contagie mortalmente o restante dos vivos.

No meio da congregação, Aarão pode ser visto como ministro incontestável do culto e ser reconhecido por todos como único representante do verdadeiro culto aceitável a YHWH. Aarão, com o único incensório apropriado, consegue a bênção, enquanto os duzentos e cinquenta, com seus próprios incensórios, só conseguiram a maldição⁸⁵². Está claro, ele é o eleito que pode aproximar-se de YHWH não apenas como mediador do perdão e da bênção, mas como aquele que exerce o controle sobre a congregação tendo legitimação divina de seu cargo⁸⁵³. Nesse ponto, ocorre a revelação do enredo de conhecimento. Aarão pode ser reconhecido como o santo, conforme anunciado no discurso inicial de Moisés: o único que YHWH aproximou a si (cf. Nm 16,5d.f) e escolheu para si (cf. Nm 16,5e) para ministrar em favor da congregação por meio do rito com incensório. “O que na mão daqueles que não são santos leva à perdição consegue, pela mediação do único santo, Aarão, a expiação do povo”⁸⁵⁴.

⁸⁵² Cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 268.

⁸⁵³ No período pós-exílico, não havendo rei e nem possibilidades de restaurar a dinastia davídica devido ao controle do poder persa, o sumo sacerdote passa a ser o único ungido (Ex 29,7; Lv 8,12) substituindo assim, a dinastia davídica no poder. A figura do sumo sacerdote que centraliza o culto e governa o povo com um poder centralizado, representa então a figura do rei que o povo não podia ter. Os textos da tradição sacerdotal (Nm 17,1-15) em grande parte refletem os conflitos contra o poder sacerdotal centralizado (cf. DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 438; GALLAZZI, A. *A Teocracia Sadocita*, p. 216). Lembramos porém, que o conflito entre levitas relegados à servidão, e sacerdotes privilegiados por sua participação no templo existiu também na época da monarquia, especialmente na reforma de Josias que centralizou o culto em Jerusalém e excluiu os levitas dos santuários de participar do templo de Jerusalém.

⁸⁵⁴ AURELIUS, E. *Der Fürbitter Israels*, p. 199.

10.3.5. Conseqüências da praga e sua extinção (v. 14-15)

A revolta foi maior envolvendo toda a congregação dos filhos de Israel. Por isso também o castigo atingiu uma parcela significativa da população. Os mortos na praga que caíra sobre o povo foram 14.700. O número corresponde a dois e meio por cento dos homens aptos para a guerra, recenseados em Nm 1,46 e 3,39⁸⁵⁵. O número daqueles que morreram revela-se uma bela cifra simbólica: $7 \times 7 \times 3 \times 100$ ⁸⁵⁶ para ser o resultado do castigo de grandes proporções, total (7×7) e pleno ($100 = 10 \times 10$) por meio da intervenção divina ($\times 3$). O simbolismo do número parece indicar que Deus deve intervir e punir sempre todos os revoltosos contra os líderes por ele eleitos.

Porém o castigo não teve continuidade porque YHWH, ao mesmo tempo em que castiga, revela também a misericórdia. A praga cessou graças ao rito de expiação realizado por Aarão sobre a assembléia e que aplacou a ira de YHWH. Em Nm 25,9, também a ação de Finéias, filho de Eleazar, filho de Aarão, ao sacrificar o casal pecador, realiza um ato de expiação, o qual aplacou a ira de YHWH e impediu o avanço da praga que havia já causado a morte de 24.000 pessoas.

O autor explica que, dentre o número de mortos, não foram incluídos aqueles que morreram por causa de Coré (17,14). Estes mortos que não foram contados, em parte seriam os duzentos e cinquenta que ofereceram o incenso, sem a devida autorização, e foram queimados com o fogo de YHWH (Nm 16,35). Em parte também pode ser o grupo tragado pela terra que havia aderido à revolta liderada por Coré (Nm 16,19a.32b). Ao fazer menção dos mortos por causa de Coré, o autor, de certo modo, liga aquele grupo de revoltosos mortos com os 14.700. Todos morreram porque murmuraram e se reuniram contra a autoridade de Moisés e Aarão. A revolta incluía grupos diversos com intenções diferentes. Todos os que foram castigados, de modo diverso, afrontaram a autoridade de Moisés e Aarão⁸⁵⁷. A menção da mortandade dos 14.700 e dos mortos por causa de Coré, também serve de advertência. Aqueles que se revoltam serão punidos

⁸⁵⁵ Cf. HARRISON, R. K. *Numbers*, p. 242-243; ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 329.

⁸⁵⁶ CHOURAQUI, A. *A bíblia no deserto*, p. 192.

⁸⁵⁷ Isso não significa que todos aqueles que morreram necessariamente deveriam ser culpados!

com a morte, seja tragados pela terra, queimados pelo fogo ou atingidos por outra desgraça. A praga נִעְצָרָה (“havia sido detida”)⁸⁵⁸ graças ao rito da expiação, antes mesmo da volta de Aarão para junto de Moisés na tenda do encontro. Se a praga fora provocada em um instante e havia causado grandes estragos, assim também o rito do incenso foi realizado às pressas e imediatamente deteve a praga, antes que alcançasse toda a população. A insistência do autor a relatar duas vezes que a praga começou (v. 11h.12c) e duas vezes que a praga se deteve (v. 13b.15b) mostra a eficácia do rito da expiação sobre a congregação. A história, ao relatar que Moisés e Aarão se encontram novamente juntos na entrada da tenda do encontro (17,15), revela ser eles legítimos mediadores dignos de receber outras revelações divinas, e interventores em nome de YHWH no caso de eventuais revoltas contra sua autoridade.

Ocorreu o fim da praga com o ritual da expiação, mas não é mencionado o fim das murmurações e revoltas no meio do povo. O castigo e a repressão apenas forjaram uma situação de paz. A revolta continuava latente em meio ao povo, o que justifica a história seguinte (Nm 17,16-26) que tem o objetivo de confirmar a autoridade de Aarão, suas prerrogativas cultuais, e também calar as murmurações no meio do povo (Nm 17,20.26).

⁸⁵⁸ O verbo hebraico que é perfeito nifal terceira pessoa feminino singular, deve ser traduzido como mais que perfeito indicando que a praga havia sido detida bem antes, através do rito da expiação conforme foi relatado em Nm 17,13 (cf. LEVINE, B. A. *Numbers* 1-20, p. 421).

